

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, segunda quinzena de abril de 1997 - ano I, nº 1.

boletim

Cony e a "teoria do quase"

Germana H. P. de Sousa

Quase memória: quase-romance - Carlos Heitor Cony. S. Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Quase memória: *quase-romance* é uma dessas obras que desde o título confessam sua dificuldade em pertencer a um gênero único.

Ao tecer uma "teoria do quase", o autor situa sua obra em uma não-situação, em uma fronteira onde diversos sub-gêneros do romance - romance pessoal, romance autobiográfico, memória - disputam um mesmo espaço sem que haja a dominação de um sobre o outro, fazendo dela uma obra de nosso tempo, que espelha uma reflexão acerca da situação da própria literatura: como se faz literatura? Quais as fronteiras entre ficção e realidade?

Com efeito, desde a apresentação, Cony justifica a escolha do "quase": *Daí a repugnância em considerar este Quase memória como romance. Faltam-lhe entre outras coisas, a linguagem. Ela oscila, desgovernada, entre a crônica, a reportagem e, até mesmo, a ficção.*

Prefiro classificá-lo como "quase romance".

Ou seja, trata-se de memória porque se fazem aqui relatos de reminiscências, fruto da "memória involuntária" suscitada a partir de um embrulho, e não de uma *madeleine trempée dans une tasse de thé*, como em Proust. A partir da contemplação do embrulho, supostamente enviado a Cony por seu pai falecido há mais de dez anos, o autor-narrador vê pouco a pouco surgir diante de seus olhos a figura singular de seu pai, com seus truques e "técnicas", "troféus", peripécias, cheiro de manga e alfazema.

E, por outro lado, trata-se de romance porque a reconstrução da memória implica em montagem, em escolha de determinados episódios da história de uma vida que é feita *a posteriori*. Daí Pierre Bourdieu falar em "ilusão biográfica". Pois, a vida tal como a vivemos e percebemos na realidade não é essa trajetória definida e dotada de um significado existencial como se quer atribuir nas biografias. Na verdade, o que se faz é uma composição de fragmentos de lembranças aos quais o biógrafo procura dar um sentido, fazendo com que a vida do biografado assemelhe-se a uma caminhada cujo fim ele conhecia desde o início.

Com isso queremos chamar a atenção para o aspecto da

fabricação do texto, da arquitetura das lembranças, pois, se há construção do edifício da memória, há inevitavelmente um preenchimento de lacunas, posto que na vida há lembranças mas também esquecimento. É aí onde entra a parcela de ficção da qual fala Cony, e de criação, de organização do texto literário. Para Proust, o

escritor neste caso é um *fabricateur*, pois "comumente, nossa memória não nos apresenta as nossas lembranças segundo uma ordem cronológica, mas como um reflexo onde a ordem das partes está invertida". Portanto, como diz Genette, "a memória involuntária [é] êxtase do intemporal, contemplação da eternidade? Talvez. Mas é também, quando nos atemos ao

'ponto de vista da composição', *articulação preciosa e procedimento de transição*".

A narrativa desse quase-romance gira em torno do embrulho e do mistério que envolve seu remetente e seu conteúdo. Na obra, esse pacote representa a memória a ser desvendada, a descoberta a ser feita e por isso é associado pelo autor ao lenço de Otelo, à bola de vidro do cidadão Kane e à *madeleine* de Proust. Esse mistério a ser desvendado cria no leitor um horizonte de expectativa que o acompanha ao longo da leitura, porém ao final do livro esse pacto é rompido, mas apenas em parte, pois apesar de não obter as respostas explicitamente (quem enviou o pacote? o que ele continha?), o leitor aceita que o pacote apenas serviu de pretexto ao autor-narrador para ir buscar, em sua memória, o pai.

Ao tempo da história, e portanto ao tempo inconstante da reminiscência e do devaneio contemplativo, lacunar e recorrente, sobrepõe-se o tempo da narrativa, marcado pelo escoar das horas do relógio e que situa o tempo dessa contemplação em pouco menos de um dia. O tempo da narrativa serve então de compasso ao tempo da história, que vaga ao sabor das lembranças que parecem sair do pacote, uma levando a outra, criando episódios nos quais uma lembrança contada se encaixa em outra, como as bonecas russas:

Tempo que ficou fragmentado em quadros, em cenas que costumam ir e vir de minha lembrança, lembrança que somada a outras nunca forma a memória do que eu fui ou do que outros foram para mim.



detalhe de Portinari

(continua)

Cony e a "teoria do quase"

(continuação)

Uma quase-memória, ou um quase-romance, uma quase-autobiografia, um quase-quase que nunca se materializa em coisa real como esse embrulho, que me foi enviado tão estranhamente. E, apesar de tudo, tão inevitavelmente.

Talvez esse tempo fragmentado da lembrança, do qual fala Cony, nunca seja capaz de reconstituir a memória em sua plenitude, simplesmente porque seja quase impossível de ser feito, e o autor, ao invés de ir "em busca do tempo perdido", vai em busca do espaço que o pai ocupou em sua vida: e essa é a diferença que Cony aponta em relação a Proust.

Portanto, o pai de Cony, Ernesto Cony Filho, é o personagem central desse quase-romance. É a reconstrução desse pai, já pertencente a um passado revoluto, porém sempre presente, que o autor-narrador procura resgatar por meio de imagens como a do embrulho e a do balão.

O embrulho, tal como o pai costumava fazer, ocasiona uma chegada intempestiva na vida do narrador, e traz consigo um enigma a ser desvendado: a memória de onde o autor vai tirar as lembranças do pai sufocadas durante tantos anos, e cujo significado ele ainda não conseguiu encontrar. Por isso, o pacote, associado a outros pacotes feitos pelo pai no passado cujo conteúdo o autor jamais conseguiu desvendar, é imediatamente atribuído ao pai que logo começa a querer escapar dali, e da memória do autor, através de cheiros e malabarismos: *(era) um vasto embrulho de coisas que só ele saberia embrulhar (...) preparou até mesmo a ordem e a densidade com que deveria desembulhá-lo.*

Malabarismos como os que o pai fazia para soltar balões na noite de Santo Antônio, até que, um dia, um desses, após ficar treze dias no ar, volta e cai novamente no quintal dos Cony, logo servindo de pretexto para o pai engendrar mais uma teoria: a de que nada é por acaso, e que os balões voltam para morrer onde nasceram. Essa história ilustra a engenhosidade desse pai ao mesmo tempo que o representa, pois não era ele que agora voltava para o filho da maneira mais inesperada e mágica?

Quase memória: quase-romance, apesar de uma linguagem quase-desleixada, por vezes vítima de cacótes de jornalista, e de recorrências que quebram o ritmo e a surpresa das cenas, é, além de uma leitura aprazível, um livro que nos transporta para um outro tempo, um outro Rio e outro Brasil, onde a magia habitava os quintais da infância, as mangueiras dos cemitérios e os céus das noites juninas, onde pai e filho partilhavam o mesmo espaço, o do amor e da magia.

Germana H. P. de Sousa é professora de Língua Francesa e Tradução da Universidade de Brasília.



Prêmio elege os melhores de 1996

O Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira 1997 chegou à fase final e está selecionando os seis melhores livros do ano passado. Serão escolhidas obras dos gêneros romance, conto e poesia, cada um nas categorias "autor consagrado" e "autor estreante".

Os finalistas são: **Romance, autor consagrado** - *À mão esquerda*, de Fausto Wolff; *O equilibrista do arame farpado*, de Flávio Moreira da Costa; e *O piano e a orquestra*, de Carlos Heitor Cony; **Romance, autor estreante** - *Não há noite tão longa*, de Roberto Amaral; *O silêncio da chuva*, de Luiz Alfredo Garcia-Roza; e *Paixões alegres*, de José Antônio de Souza; **Conto, autor consagrado** - *O atleta recordista*, de José Eduardo Degrazia; *Keith Jarrett no Blue Note*, de Silvano Santiago; e *Cheiro de amor*, de Edla van Steen; **Conto, autor estreante** - *Que fim levou Brodie?*, de Antonio Fernando Borges; *O edifício do lado da sombra*, de Luís Augusto Fischer; *Só*, de Bianca Ramoneda; **Poesia, autor consagrado** - *Memória da chuva*, de Ruy Espinheira Fº; *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros; e *Sob a noite física*, de Carlito Azevedo; **Poesia, autor estreante** - *Resumo do dia*, de Heitor F. Mello; *Guardar*, de Antonio Cicero; e *Íris breve*, de Álvaro Mendes. Há uma urna (e uma exposição dos finalistas) na Casa do Livro (Conic). Quem participar da votação concorre a um vale-livro no valor de mil reais.



"Efetivamente, pode-se temer que o recurso ao mecenato para financiar a arte, a literatura e a ciência instale pouco a pouco os artistas e os sábios em uma relação de dependência material e mental em relação às potências econômicas e às coações do mercado [...]. O resultado extraordinário é que são sempre os cidadãos que, através das isenções de impostos, financiam a arte e a ciência e, além disso, sofrem o efeito simbólico exercido sobre eles na medida em que este financiamento aparece como um efeito da generosidade desinteressada das empresas. Existe aí um mecanismo extremamente perverso que faz com que contribuamos para pagar nossa própria mistificação..."
Pierre Bourdieu, sociólogo francês

Sexta, dia 2 de maio

Uma noite em Curitiba, de Cristovão Tezza

Na próxima reunião do GT, será discutido o último romance do escritor paranaense. **Sexta, 2 de maio, às 16 hs.**, no laboratório do TEL/UnB.
DIVULGUE E PARTICIPE!